

Atos

“E Julgavam” (21:26–40)

O dia de Pentecostes havia passado, mas as ruas ainda estavam abarrotadas de pessoas de todas as partes do mundo, que haviam ido a Jerusalém para a festa¹. Alguns estavam comprando provisões para a longa viagem de volta para casa. Outros estavam aproveitando os últimos momentos para visitar amigos que não veriam até o próximo ano. Um pequeno grupo estava simplesmente relutante em sair do lugar que chamavam “a cidade de Deus”. No extremo noroeste da cidade, onde ficava o grande templo, havia outros que relutavam com uma mórbida razão: seus olhos maldosos escrutinavam cada movimento de Paulo, à procura de algum pretexto para acusá-lo. Logo achariam esse pretexto; então, Paulo teria de enfrentar um dos momentos mais perigosos de sua vida. O cerne desta lição encontra-se em Atos 21:29: “Pois, antes, tinham visto Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade e *julgavam* que Paulo o introduzira no templo” (grifo meu). Viram um gentio na cidade com Paulo e viram Paulo, mais tarde, no templo com vários homens, “e julgavam” que ele levara o gentio para dentro do templo! Em outras palavras, diríamos que eles “se precipitaram”. Enquanto muitos julgamentos causam meras complicações, os julgamentos, ou suposições, de Atos 21 poderiam ter custado a vida de Paulo. Vamos analisar esses julgamentos de um passado tão distante — e

depois os de hoje, que são igualmente prejudiciais.

JULGAMENTOS PERIGOSOS NAQUELES DIAS (21:26–40)

Paulo fora desafiado pelos presbíteros em Jerusalém a juntar-se — e financiar — às cerimônias de quatro homens que estavam fazendo o voto de nazireu. Aparentemente, os quatro haviam se contaminado, tendo de passar por um processo de purificação custoso e que duraria sete dias. Por razões obscuras, Paulo consentiu nisso e, “tomando aqueles homens, no dia seguinte, tendo-se purificado com eles, entrou no templo, acertando o cumprimento dos dias da purificação, até que se fizesse a oferta em favor de cada um deles” (v. 26). Dia após dia, Paulo entrava e saía do templo, preparando e participando das cerimônias de purificação.

Um Julgamento Mortífero

“Quando já estavam por findar os sete dias” (v. 27a), os judeus da Ásia viram Paulo no templo. Esses homens deviam ser de Éfeso, onde Paulo havia trabalhado recentemente por quase três anos. Tais judeus haviam rejeitado seus ensinamentos (19:8, 9), conspirado contra ele mais de uma vez (20:18, 19) e até participado de um motim provocado para dar fim ao apóstolo (19:33) — tudo inutilmente. Agora, eles viam uma

¹A festa do Pentecostes durava um dia, mas a maioria dos que vinham de longas distâncias prolongavam sua estada em Jerusalém para mais de um dia.

oportunidade de finalmente acabar com ele².

“Pois, antes, tinham visto Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade” (21:29a). Trófimo era um dos gentios que viajou com Paulo até Jerusalém para entregar a oferta especial (20:4). Sendo ele de Éfeso, os judeus asiáticos provavelmente o conheciam de vista. Agora, “julgavam que Paulo o introduzira no templo” (21:29b).

Para entender por que esse julgamento foi mortífero, precisamos tomar conhecimento de vários fatos relativos ao templo³. A palavra grega traduzida por “templo” nesta passagem é *hieron*, que se refere à parte sagrada do templo. Os gentios tinham permissão de entrar na parte do complexo do templo chamada pátio dos gentios, mas *não* tinham permissão de ir mais adentro. Em cada entrada que levava aos átrios sagrados,

havia um aviso: “Nenhum homem de outra nação [deve] passar da mureta e das demarcações ao redor do templo, e quem assim for pego será responsável pela própria morte”. Numa grande concessão aos judeus, os romanos haviam dado autoridade aos oficiais do templo para matar imediatamente qualquer um que violasse a santidade do templo, ainda que fosse um cidadão romano. Se Paulo tivesse levado um gentio para dentro dos átrios sagrados, isso constituiria uma ofensa capital!

Os judeus asiáticos — nem tampouco nós — não tinham razão para julgar que Paulo havia desrespeitado o templo. Um homem que estava tentando tranquilizar os que guardavam a Lei

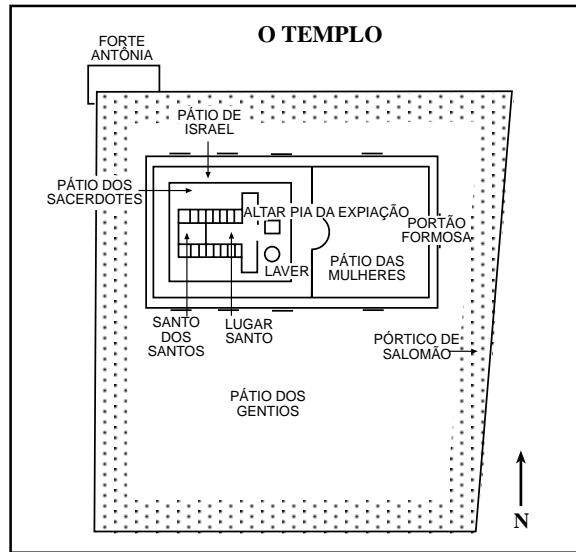
não faria algo tão insano, a menos que fosse tolo — e Paulo não era tolo⁴. Quando se odeia alguém, porém, há uma prontidão para se presumir o pior a respeito desta pessoa.

“Os judeus vindos da Ásia, tendo visto Paulo no templo”, emprestaram as táticas de um companheiro efésio, Demétrio, e “alvorocaram todo o povo” (v. 27b)⁵. Eles “o agarraram, gritando: Israelitas, socorro!” (vv. 27c, 28a). Se Paulo realmente era culpado por levar Trófimo para dentro dos átrios sagrados, deveriam ter chamado os guardas do templo para os socorrerem. Esses oficiais tinham a autoridade para prender Paulo e quaisquer gentios intrusos, passando a executá-los sumariamente. Em vez disso, os judeus de Éfeso pediram socorro à multidão — o que indica que sabiam não existir uma acusação

verdadeira contra ele.

Paulo provavelmente estava no pátio das mulheres, quando foi localizado. No canto sudeste desse pátio havia as câmaras onde ficavam os indivíduos que estavam cumprindo o voto de nazireu. Os judeus asiáticos agarraram o apóstolo e gritaram: “Este é o homem que por toda parte ensina todos a serem contra o povo⁶, contra a lei e contra este lugar; ainda mais, introduziu até gregos⁷ no templo e profanou este recinto sagrado” (v. 28b)⁸.

Três coisas eram sagradas para o povo judeu: a nação, as Escrituras e o templo. Paulo foi acusado de desonrar a primeira, destruir a segunda e contaminar a terceira⁹. Essas acusa-



²Provavelmente, entre os reunidos estavam judeus da Galácia, Macedônia e Acaia — todos os lugares onde os judeus tentaram matar Paulo. Se os judeus da Ásia não tivessem instigado isso, provavelmente os judeus de outra região teriam feito algo semelhante. É até possível que alguns tenham seguido Paulo até Jerusalém com esse fim. ³Para outras observações sobre o templo, veja a lição “Um Caso de Cura”. ⁴Já se sugeriu que Trófimo pode ter inadvertidamente entrado nos átrios sagrados. I. Howard Marshall observou: “A possibilidade de que Trófimo podia ter entrado por livre vontade na área proibida é tão improvável quanto alguém querer entrar nas dependências do Kremlin para uma visita turística”. (*The Acts of the Apostles* [“Os Atos dos Apóstolos”], The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980, p. 348.) ⁵Sugeriu-se que Alexandre e os outros judeus que estiveram no anfiteatro em Éfeso (19:33, 34) podem ter sido os instigadores desse motim em Jerusalém. Nesse caso, aprenderam bem com Demétrio e os outros artifices. ⁶O texto grego simplesmente tem: “o povo”, mas o termo usado por um judeu significava “os judeus”; daí a NTLH ter “o povo de Israel”. ⁷Observe-se a multiplicação de um homem para “gregos” (plural). Será que os judeus da Ásia deduziram que os quatro homens que estavam concluindo o voto de nazireu também eram gentios? ⁸Tenha em mente as acusações exatas. Mais tarde, Paulo desafiaria os judeus a provarem suas acusações e apresentarem a queixa (24:19). ⁹Existe alguma ironia no fato de Paulo ter sido acusado de contaminar o templo quando estava em processo de purificação para não contaminar o templo.

ções haviam servido bem aos judeus no passado; foram utilizadas contra Jesus (Marcos 14:56–64; João 2:19) e Estêvão (Atos 6:11, 13, 14). Em ambos os casos, os acusados foram executados.

A notícia espalhou-se como fogo na mata pelas ruas abarrotadas de gente: “Agitou-se toda a cidade, havendo concorrência do povo” (v. 21:30a). No passado, num dia de Pentecostes, o povo viera de todas as partes de Jerusalém para ouvir os apóstolos pregarem. Agora, vinte e sete anos depois, o povo concorria para o templo para ver um apóstolo morrer.

“E, agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo” (v. 30b) — em outras palavras, para fora da parte sagrada do templo, em direção ao pátio dos gentios¹⁰. Isso era, a grosso modo, equivalente a arrastar um membro do local de reunião durante o culto de adoração. Eles o transportaram do pátio das mulheres porque se o matassem em solo sagrado, seu sangue *contaminaria* o templo (observe 2 Reis 11:15, 16; 2 Crônicas 24:21). Não hesitavam em aniquilar um homem inocente, mas não queriam contaminar nenhuma parte do prédio.

Após descrever a atuação dos judeus, Lucas acrescentou uma nota: “e imediatamente foram fechadas as portas” (v. 30c). Talvez essas palavras consistissem simplesmente em detalhes adicionais; os guardas do templo podem ter fechado as portas do pátio das mulheres para evitar mais contaminação ou para que os adoradores não fossem ainda mais incomodados. Muitos comentaristas, porém, vêem um significado simbólico nas palavras de Lucas.

Para o próprio Lucas, esse deve ter sido o momento em que o templo de Jerusalém deixaria de desempenhar o honroso papel até então a ele prescrito em seus dois volumes de história. A exclusão da mensagem e do mensageiro de Deus da casa outrora chamada pelo seu nome selava seu destino: chegara a hora da destruição que Jesus predissera muitos anos antes (Lucas 21:6)¹¹.

...o ato de fechar as portas representava simbo-

licamente que o templo não tinha importância alguma para [o segmento da] igreja cristã gentia e dentro em pouco — depois de 70 d.C. — seria igualmente insignificante para o segmento cristão judeu¹².

Um Julgamento Confuso

Se Paulo fosse culpado conforme as acusações, deveria ser levado para fora da cidade pelos guardas do templo, sendo, a seguir, apedrejado (Atos 7:58; veja Levítico 24:10–14). Em vez disso, a multidão começou a espancá-lo de maneira selvagem e absurda (Atos 21:32). Restavam a Paulo poucos minutos de vida, quando Deus interveio com uma suspensão temporária da execução. Ironicamente, Deus usou um poder não religioso para refrear um povo religioso¹³. “Procurando eles matá-lo, chegou ao conhecimento do comandante da força que toda a Jerusalém estava amotinada” (v. 31).

A Palestina em geral, e Jerusalém em particular, era uma grande dor de cabeça para as forças ocupacionais romanas. O privilégio de governar a região poderia ser comparado à honra de sentar-se no alto de um vulcão. A situação nunca ficava tão volátil como durante os dias de festa, quando dezenas de milhares de judeus se amontoavam em Jerusalém. Em tais ocasiões, forças militares extraordinárias ocupavam a cidade, prontas para qualquer confusão.

Essas forças ficavam acampadas no Forte Antônia, que se localizava no canto noroeste do templo. Era um antigo forte dos judeus, reconstruído por Herodes, o Grande, recebendo o novo nome em homenagem a Marco Antônio, amigo e patrono romano de Herodes. O forte, que se erigia acima do templo, media quinze metros de altura — com torres de vigia que o elevavam mais quinze metros acima. Os sentinelas podiam avistar todas as áreas do templo, além de boa parte da cidade.

O oficial local encarregado da segurança era Cláudio Lísias (23:26), um comandante de mil homens¹⁴. Naquele dia, foi ele interrompido pelas notícias mais temidas: “Toda a Jerusalém [está]

¹⁰O pátio dos gentios era o único local da cidade grande o bastante para acomodar a multidão. “Templo” no v. 30 é usado no mesmo sentido em que se apresenta nos versículos anteriores referindo-se à parte sagrada do templo. ¹¹F.F. Bruce, *The Book of Acts* (“O Livro de Atos”), ed. rev. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 410. ¹²Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Exposition of the Acts of the Apostles* (“Comentário do Novo Testamento: Exposição dos Atos dos Apóstolos”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1990, p. 770. ¹³Essa é a segunda vez que Deus usou os romanos para salvar Paulo de um motim de judeus (observe 18:12–17). Se desejar, pode destacar aos ouvintes que um dos propósitos do governo civil é proteger o inocente (Romanos 13:3, 4). ¹⁴Esse é o significado do termo usado por Lucas.

amotinada”¹⁵. O forte estava anexado ao pátio externo do templo por dois lances de escada. Dando ordens rapidamente, apressou-se. “Então, este, levando logo soldados e centuriões, correu para o meio do povo” (21:32a).

A visão de centenas de legionários¹⁶ congelou momentaneamente a multidão: “Ao verem chegar o comandante e os soldados, cessaram de espancar Paulo” (v. 32b). Cláudio, que era diplomado em controle de motins, avaliou prontamente a situação. Viu que a fúria da multidão dirigia-se a um homem espancado e ensangüentado. Rapidamente, “aproximando-se o comandante, apoderou-se de Paulo” (v. 33a), não tanto para protegê-lo quanto para conter o motim¹⁷. Presumindo que o homem fosse a origem da fúria¹⁸, “ordenou [aos soldados] que fosse acorrentado com duas cadeias” (v. 33b). Isso era o cumprimento da profecia de que cadeias esperavam Paulo em Jerusalém (20:22, 23; 21:10, 11)¹⁹.

Sabendo que teria de relatar o incidente²⁰, o comandante foi logo “perguntando quem era e o que havia feito” (21:33c)²¹ — o que nos leva à confusa suposição da multidão: “Na multidão, uns gritavam de um modo; outros, de outro” (v. 34a)²². A maioria não tinha idéia de qual era a acusação contra Paulo, mas presumiram que devia ser algo horrendo para provocar tanta comoção. Concordariam com o provérbio que diz: “Onde há fumaça há fogo”.

Logo ficou óbvio que o oficial não descobriria nada de útil para o processo. “Não podendo ele,

porém, saber a verdade por causa do tumulto²³, ordenou que Paulo fosse recolhido à fortaleza” (v. 34b), onde poderia ser encarcerado e interrogado. Paulo era agora prisioneiro de Roma; e assim permaneceria até o final de Atos.

À medida que os que escoltavam Paulo dirigiram-se até as escadas, a multidão homicida viu sua presa escapar, tornando-se violenta. Alarmados, os soldados pegaram Paulo²⁴ e rasgaram caminho através da multidão (v. 35)²⁵. O povo começou a bradar em coro: “Mata-o!” (v. 36b). Ou seja: “Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!” (22:22b). A poucos metros desse local, outra multidão usara as mesmas palavras para exigir a morte de Jesus!²⁶

Um Julgamento Equivocado

Quando chegaram ao alto da escadaria, o apóstolo falou pela primeira vez²⁷. “E, quando Paulo ia sendo recolhido à fortaleza, disse ao comandante: É-me permitido dizer-te alguma coisa?” (v. 37a). No meio da confusão, alguém permanecera calmo²⁸ — o homem coberto de sangue. Respeitando o protocolo militar, pediu permissão para falar.

Quando o oficial ouviu Paulo, ficou perplexo. “Sabes o grego?”, perguntou ele (v. 37b). Não sabemos ao certo por que as palavras de Paulo em grego o surpreenderam²⁹. Era comum os judeus falarem grego, a língua universal daqueles dias. Talvez não fosse tanto por Paulo falar grego, mas pela qualidade do grego que utilizou; eram palavras de um homem culto.

¹⁵Alguns sugerem que a notícia veio de um ou mais dos homens que haviam raspado a cabeça e que estavam com Paulo. Mas, como não disseram: “estão matando um inocente”, e sim: “toda a Jerusalém [está] amotinada”, é provável que a notícia tenha chegado dos sentinelas das torres. ¹⁶Tendo o comandante levado pelo menos dois centuriões, e sendo o centurião líder de cem homens, calcula-se que, no mínimo, duzentos soldados foram convocados para a ação. ¹⁷O relatório posterior do comandante consistiu numa reconhecida deturpação dos fatos (veja 23:26, 27). ¹⁸Aqui está outra “suposição” falsa que poderia ser acrescentada ao seu esboço, se desejar. ¹⁹Também era o cumprimento da profecia de que ele seria entregue às mãos dos gentios (21:11). ²⁰O preenchimento de papéis sempre foi o forte da burocracia. Veja o relatório que ele finalmente escreveu em 23:25–30. Era importante saber o que Paulo fizera porque, de acordo com a lei romana, um cidadão romano não poderia ser preso sem antes ouvir as acusações contra si. Veja 25:26, 27. ²¹O texto original indica que ele perguntou várias vezes. ²²Compare com 19:32. ²³Se os agitadores do tumulto ainda estavam presentes, ou nada disseram, ou não foram ouvidos. Uma sugestão é que saíram sorratamente ao verem os soldados se aproximando. ²⁴Talvez Paulo, em seu estado de fraqueza, não estivesse andando tão rápido quanto os soldados queriam, ou talvez os soldados o tenham erguido por cima da multidão. ²⁵Essa corrida inconveniente, ao lado da fuga de Paulo num cesto, deve ter sido um dos momentos mais constrangedores para ele (veja as notas a Atos 9:23–25 na lição “Obstáculos para Novos Convertidos”). ²⁶Lucas 23:18; João 19:15. Fico pensando onde as “dezenas de milhares de judeus” que creram (21:20) estavam enquanto tudo isso acontecia — sobretudo os quatro que fizeram voto de nazireu. Essa parece ser mais uma ocasião em que todos parecem ter abandonado Paulo, exceto o Senhor (observe 2 Timóteo 4:16, 17). ²⁷Isto é verdadeiro de acordo com a seqüência do relato. ²⁸Compare esses acontecimentos com os que acompanharam o apedrejamento de Estêvão (veja as notas à lição “Pelo que você morreria?”). Será que Paulo aprendeu alguma coisa com o homem que ajudou a matar? ²⁹É possível que as palavras não tenham sido tanto uma surpresa quanto “uma revelação” para o comandante. O começo da próxima frase poderia ser assim traduzido: “Então, com certeza, você é o egípcio...” Egípcios falavam grego. Quando Paulo falou em grego, em vez de aramaico, o comandante deve ter se precipitado a concluir que era ele o egípcio rebelde a quem procuravam.

O comandante revelou, então, sua suposição: “Não és tu, porventura, o egípcio que, há tempos, sublevou e conduziu ao deserto quatro mil³⁰ sicários³¹?” (v. 38). De acordo com o historiador judeu Josefo, uns três anos antes, certo egípcio, alegando ser o Messias (observe Mateus 24:26; Atos 5:36, 37), liderara um exército ao alto do Monte das Oliveiras, ameaçando fazer com que os muros de Jerusalém caíssem por terra assim como os muros de Jericó, e tirando depois a cidade do domínio de Roma. O governador romano, Félix, atacou os rebeldes. Quatrocentos foram mortos e duzentos, capturados, mas o egípcio mesmo fugiu. Desde então, ele ocupava o topo da lista dos “mais procurados” pelos romanos. Aparentemente, esse oficial pensou que o agitador tivesse caído em suas mãos.

Rapidamente, Paulo garantiu-lhe que ele não era o homem procurado pelas autoridades: “Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia” (Atos 21:39a)³². Como judeu, ele tinha o direito de entrar no templo. Como cidadão de Tarso — uma cidade de proeminência cultural e política — era um indivíduo responsável, não propenso a causar problemas.

Paulo fez, então, um pedido que deve ter deixado o oficial estarecido: “Rogo-te que me permitas falar ao povo” (v. 39b). No texto bíblico, veremos Paulo de pé no alto da escadaria (v. 40), dirigindo-se à aglomeração turbulenta abaixo. Por enquanto, façamos uma pausa para a aplicação dos perigos do julgamento.

JULGAMENTOS PERIGOSOS HOJE

Os judeus asiáticos, a multidão e o comandante romano não foram os primeiros culpados de fazer julgamentos errados. Maria e José “pensando [i.e., julgando], porém, estar ele [Jesus] entre os companheiros de viagem, foram caminho de um dia” (Lucas 2:44a). Alguns julgaram que os apóstolos estivessem alcoolizados no dia de Pentecostes (Atos 2:15). Quando o terremoto despertou o carcereiro, este, “vendo

abertas as portas do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo [i.e., julgando] que os presos tivessem fugido” (Atos 16:27b)³³.

Tão catastróficos quanto esses julgamentos e de maior preocupação são os do seguinte tipo: alguns julgam que serão salvos por causa de sua formação religiosa (Mateus 3:9); alguns “[julgam] que a piedade é fonte de lucro” (1 Timóteo 6:5b); alguns julgam que podem condenar outros, enquanto eles próprios cometem as mesmas ofensas, e ainda escapar do julgamento de Deus (Romanos 2:3)³⁴.

O ato de julgar ou supor não desapareceu com os que viveram no primeiro século. Julgamentos perigosos acontecem em abundância nos dias de hoje³⁵.

Julgamentos Relacionados a Princípios

De especial preocupação são as pressuposições presentes no mundo religioso. Bobby Duncan escreveu o seguinte, alguns anos atrás:

...a doutrina da “salvação pela fé somente” poderia ter surgido do fato de se ler... uma das muitas passagens que ensinam que a salvação é pela fé e depois, sem considerar outras passagens que tratam do assunto, precipitar-se a uma conclusão de que a salvação é pela fé somente. Pode-se ler que a “salvação não é por obras” e daí pular para a conclusão de que nada se pode fazer para se ganhar a salvação. Pode-se ler que os pecadores são salvos pelo sangue de Cristo, e daí pular para a conclusão de que a igreja não é uma instituição essencial.

Pode-se ler que Cristo “provou a morte por todo homem” e concluir-se que todas as pessoas serão salvas. Pode-se ler que “todo o que invocar o nome do Senhor será salvo”, e daí concluir-se que para ser salvo, tudo o que o pecador precisa fazer é orar pelo perdão dos pecados. Pode-se ler uma passagem que diz que os crentes não são condenados, e daí concluir-se que é impossível um cristão cair da graça... Todas essas doutrinas falsas podem ser descartadas, simplesmente, se todos os fatos pertinentes forem considerados antes que se chegue a uma conclusão... Não se chega à verdade sobre qualquer assunto bíblico sem que se veja tudo o que a Bíblia diz sobre esse assunto³⁶.

³⁰Josefo disse que o egípcio conduziu 30.000 homens ao alto do monte das Oliveiras. A diferença nos números pode ser devida ao fato de Josefo e o oficial se referirem a dois homens distintos. Se há uma contradição, é mais provável que o oficial romano estivesse correto do que Josefo, que tinha uma tendência ao exagero. ³¹Literalmente, o comandante disse: “quatro mil homens de punhal”; do latim, *sica* significa “punhal curto”. Os sicários eram assassinos (a Bíblia de Jerusalém tem “bandidos”). ³²Paulo não mencionou desta vez que era cidadão romano (veja 22:5). Naquele tempo, era possível ter dupla cidadania: tanto a cidadania local quanto a romana. ³³Para outros exemplos bíblicos semelhantes, veja Marcos 6:49; Lucas 12:51; 13:2, 4; 19:11; João 11:31; 13:29; 20:15; Atos 14:19; 27:13. ³⁴Para outro exemplo bíblico de um julgamento semelhante, veja Mateus 6:7. ³⁵Esta parte do sermão ou aula pode ser ajustada conforme as necessidades específicas dos seus ouvintes. ³⁶Bobby Duncan, “Paul in the Temple and in Prison at Jerusalem” (“Paulo no Templo e na Prisão em Jerusalém”), *Studies in Acts* (“Estudos em Atos”). Denton, Tex.: Valid Publications, 1985, p. 203.

Julgamentos Relacionados a Pessoas

Para muitos de nós, porém, os julgamentos mais mortíferos são os que fazemos em relação ao próximo. Certa vez, um homem estava sentado numa cadeira, capinando seu jardim. Um transeunte o viu e pensou: “Esse é o homem mais preguiçoso que já vi!” Logo depois, notou um par de muletas encostadas na cadeira do jardineiro — seu rosto ficou vermelho³⁷.

Num artigo intitulado “Pressuposições”, Chris Smith observou que, geralmente, há um grande abismo entre o que supomos e o que é a verdade:

Quantas vezes presumimos que certa informação esteja correta, descobrindo somente mais tarde que estávamos errados?

Pressuposição: “Ela pensa que é melhor do que todos os outros”. *Verdade:* “Ela é tímida, deseja ter mais amigos e fica matutando por que não tem”.

Pressuposição: “Os presbíteros nada fizeram em relação a isso!” *Verdade:* Os presbíteros fizeram duas reuniões especiais para tratar disso, oraram extensivamente, tomaram a melhor decisão possível e não contaram a ninguém porque era um assunto confidencial.

Pressuposição: “Vilma está mesmo chateada! Ela falou isso para Carlos, que falou para Josefina, que falou para mim...” *Verdade:* Quem sabe?! Pergunte a Vilma.

Podemos sempre averiguar as informações que recebemos? Talvez não. Levaria tanto tempo. Não deveríamos ser cuidadosos ao fazer pressuposições? Quando se tratam de pessoas, com certeza! A reputação de uma pessoa é um bem valioso demais para ser arruinado por

informações incompletas, meias verdades e fofocas³⁸.

Quando o comandante romano descobriu os fatos relacionados ao caso de Paulo, ficou surpreso. Nós também poderíamos ficar surpresos, se soubéssemos o que os outros têm de enfrentar no seu dia-a-dia.

Há muito tempo, Jesus disse: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados” (Mateus 7:1, 2). Quero que as pessoas acreditem nas melhores coisas a meu respeito, e você? Nesse caso, preciso sempre interpretar da melhor maneira as atitudes dos outros (1 Coríntios 13:7) — e você também.

CONCLUSÃO

Ao observar os fatos ocorridos em Atos 21:27–40, vejo duas categorias de pessoas: as confusas e as comprometidas. Os judeus asiáticos, a multidão e o comandante romano estavam todos confusos. Por outro lado, Paulo estava comprometido — comprometido com o Senhor independentemente das circunstâncias. A qual categoria você pertence? Se está confuso, oro para que você corrija seu pensamento — e, a seguir, assuma um compromisso com o seu Criador, o mais rápido possível. O Senhor está recebendo, agora mesmo, as inscrições dos candidatos que estiverem dispostos a apoiá-LO independentemente do que os outros digam! ❖

³⁷Esta ilustração foi extraída de um artigo intitulado “An Unnecessary Exercise” (“Um Exercício Desnecessário”), atribuído a “Old Paths” (março de 1995). ³⁸Esse artigo apareceu originalmente no boletim da igreja de Cristo em Duncanville, na cidade homônima, no Texas, Estados Unidos, em 1995. Uma cópia sem data foi enviada para mim em 17 de abril de 1995.

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS